

Inclusão social de comunidades quilombolas e ribeirinhas do Estado do Pará pela produção e uso de plantas medicinais

Osmar Alves Lameira

Introdução

As comunidades quilombolas e ribeirinhas carecem de alternativas que proporcionem melhoria na qualidade de suas vidas. A fonte de renda nessas comunidades é bastante precária e mal garante o sustento das famílias. No ano de 2005, foi criado um projeto de patrocínio com a participação de várias instituições e com a coordenação da Embrapa Amazônia Oriental, visando identificar, por meio do uso de plantas medicinais, alternativas que pudessem contribuir para a melhoria de vida dessas comunidades.

A utilização de plantas medicinais, tanto na farmacopeia quanto na medicina caseira, é praticada desde os primórdios da civilização humana (LAMEIRA; PINTO, 2008). A Organização Mundial de Saúde (OMS) tem estimulado o uso das plantas medicinais na saúde pelas populações mais carentes do planeta, por causa do menor custo e por várias razões socioculturais (MATOS, 1987). Dessa forma, se as diferentes comunidades estiverem conscientizadas a respeito do valor atribuído às plantas medicinais e aromáticas, com certeza sua participação será mais eficiente no processo de uso e conservação. Isso, conseqüentemente, poderá se constituir em um fator para melhorar a qualidade de vida e a renda dessas

populações, por meio do fornecimento de matéria-prima ou de produtos com qualidade, obtidos do extrativismo manejado ou de áreas de cultivo.

Nos dias atuais, é de fundamental importância que as comunidades tradicionais, como quilombolas e ribeirinhas, participem ativamente dos processos que envolvem a conservação, o manejo, a manipulação e o uso das plantas medicinais e aromáticas, garantindo assim o direito de uso sabiamente. Para isso, é necessário que governo, técnicos, professores, pesquisadores, estudantes, instituições e a própria comunidade estejam afinadas, cabendo aos governos a tomada de diretrizes, organizando e direcionando recursos para que o processo possa fluir de maneira eficaz.

Vale ressaltar que, sem a participação direta das comunidades rurais, em particular as quilombolas e ribeirinhas, o processo de conservação e uso poderá ser interrompido pelas dificuldades que as instituições governamentais e não governamentais encontrarão, diante da escassez de recursos financeiros disponíveis para programas mais arrojados. A conservação dos recursos genéticos de plantas medicinais e aromáticas nativas em áreas utilizadas pelas comunidades quilombolas e ribeirinhas, além de outras espécies, em muito reduzirá os gastos com implantação de novas áreas, podendo ainda reduzir o desmatamento descontrolado em áreas de expansão agrícola (RELATÓRIO..., 2008).

O conhecimento tradicional, por parte dos quilombolas e ribeirinhos, sobre o cultivo, uso e manipulação das ervas medicinais utilizadas na produção dos produtos a partir das plantas medicinais foi fundamental para sua produção, contribuindo para a sua valorização. Uma das características da inovação tecnológica desenvolvida foi a formação de cadeias produtivas envolvendo diferentes comunidades quilombolas e ribeirinhas por meio de parcerias entre elas.

Para Bensusan (2006), os esforços de conservação passam a ter de identificar e promover os processos sociais que permitam às comunidades locais conservar e utilizar a biodiversidade como parte dos seus modos de vida. Nesse sentido, a instalação de hortos comunitários de plantas medicinais e aromáticas em comunidades quilombolas e ribeirinhas teve como objetivo fornecer informações do cultivo à manipulação e

da produção à comercialização dessas espécies, com o objetivo de criar alternativas diversas para melhorar as condições de vida dessas populações, gerando emprego e renda inicialmente para 200 famílias.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido no Estado do Pará, na comunidade quilombola de Saracura, localizada no Município de Santarém; nas comunidades quilombolas de Macapazinho e Boa Vista do Itá, pertencentes ao Município de Santa Izabel; em uma comunidade ribeirinha localizada no Município de Cametá; e nas comunidades de periferia urbana do Município de Belém, Pantanal e Paraíso Verde. Estas duas últimas comunidades pertencem ao Comitê de Entidades no Combate a Fome e Pela Vida (Coep). A amostragem foi não probabilística e por seleção racional (ALBUQUERQUE; CUNHA, 2010), ou seja, foram selecionados, neste estudo, apenas indivíduos que se declararam usuários de plantas medicinais.

O método utilizado no processo foi realizado por transferência de conhecimento por meio de treinamentos aplicados aos membros das comunidades tradicionais e suas lideranças e com a instalação de hortos medicinais comunitários e sala de manipulação. A técnica utilizada para a seleção dos membros que participaram do projeto em cada comunidade foi realizada com auxílio de um informante ou líder principal e, em outros momentos, utilizou-se a técnica denominada “bola de neve” (*snowball*), na qual um morador da comunidade indicava outro morador (BAILEY, 1994) que conhecesse e usasse plantas medicinais.

Foram realizados cinco treinamentos teórico-práticos em cada comunidade para voluntários interessados (Figura 1). Em seguida, foram selecionados os membros da comunidade que sabiam ler e escrever, os quais receberam quatro treinamentos para se tornarem agentes multiplicadores. Os agentes comunitários (em número de cinco em cada comunidade), na maioria mulheres, ficaram responsáveis pela parte de produção de produtos obtidos a partir das plantas medicinais, como sabonete, xampu, creme (comercializados), pomada e xarope (uso interno), além da conservação do horto medicinal.

Os principais atores envolvidos foram: técnicos e pesquisadores da Embrapa Amazônia Oriental, técnicos das instituições parceiras (Fundação Luiz Decourt, Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará – Cedenpa, Banco da Amazônia, Associação Miriti), estudantes e membros das comunidades. Todos foram monitorados pela Embrapa Amazônia Oriental.

Fotos: Osmar Lameira



Figura 1. Treinamento de extrativistas, índios Apiacás, visando à coleta do óleo-resina de copaíba (A); palestra ministrada para índios Apiacás (B).

Resultados e discussão

Em cada uma das três comunidades quilombolas e duas ribeirinhas, foram realizados nove treinamentos (cinco direcionados aos membros das comunidades e quatro aos agentes comunitários selecionados), totalizando 45, os quais beneficiaram 500 famílias de quilombolas (RELATÓRIO..., 2008) e 900 famílias ribeirinhas (EMBRAPA et al., 2006). Nas comunidades, ainda foram realizadas oito visitas pelo médico e fisioterapeuta da Fundação Luiz Decourt, que atendeu 300 membros das comunidades entre adultos e crianças.

Ao longo de 2 anos, o valor gasto por comunidade com produtos (sabonete, xampu, creme, pomada e xarope), treinamentos, viagens, instalação de horto comunitário e sala de manipulação foi de R\$ 20 mil. As 1.400 famílias que participaram do projeto carecem de alternativas que proporcionem melhoria na qualidade de vida. Por meio da inovação tecnológica, essas alternativas e oportunidades foram criadas.

Por ser um projeto autossustentável, e por causa da demanda e do interesse da sociedade por produtos de origem natural (como cosméticos e fitoterápicos), a comercialização dos produtos é facilitada e o custo de produção é baixo. Os custos de produção dos produtos por unidade foram os seguintes: xampu/condicionador (120 mL) – R\$ 2,50; pomada anti-inflamatória (50 g) – R\$ 1,00; creme anticelulite (50 g) – R\$ 3,00; e sabonete medicinal (90 g) – R\$ 0,32.

A instalação de hortos e salas de manipulação de plantas medicinais nas comunidades permitiu que a inovação trouxesse novas oportunidades de melhoria da qualidade de vida por meio do aumento de renda, pois as comunidades consumiam os próprios produtos, sem a necessidade de adquiri-los de outra fonte ou por comercialização, além de fazerem o uso correto das ervas medicinais. As inovações de transferência de tecnologia desenvolvidas no projeto podem ser utilizadas e aplicadas em qualquer ambiente, pelo fato de serem de conhecimento popular, de baixo custo e as ervas medicinais serem de fácil cultivo.

Idealizado por Matos (1998), o sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades tem como característica o envolvimento dos membros da comunidade na implantação de todo o processo produtivo, proporcionando agregação de valores e melhor distribuição de renda, fato que ocorreu neste trabalho.

Uma das características da inovação foi a formação de cadeias produtivas por meio de parcerias entre as diferentes comunidades: quilombolas cultivam e produzem as ervas medicinais, ribeirinhos e comunidades de reservas florestais fornecem alguns produtos obtidos na floresta, como óleos de copaíba (*Copaifera* sp.) e andiroba (*Carapa guianensis*), para as comunidades quilombolas, e esses, por sua vez, agregam valor aos óleos, transformando-os em produtos, repassando-os para as comunidades de periferia urbana, que os comercializam para a população (consumidor), conforme fluxograma apresentado na Figura 2. Esse processo permitiu que fosse estabelecida uma cadeia produtiva entre diferentes comunidades, por meio da qual todas foram beneficiadas, além de despertar maior interesse por parte dos participantes.

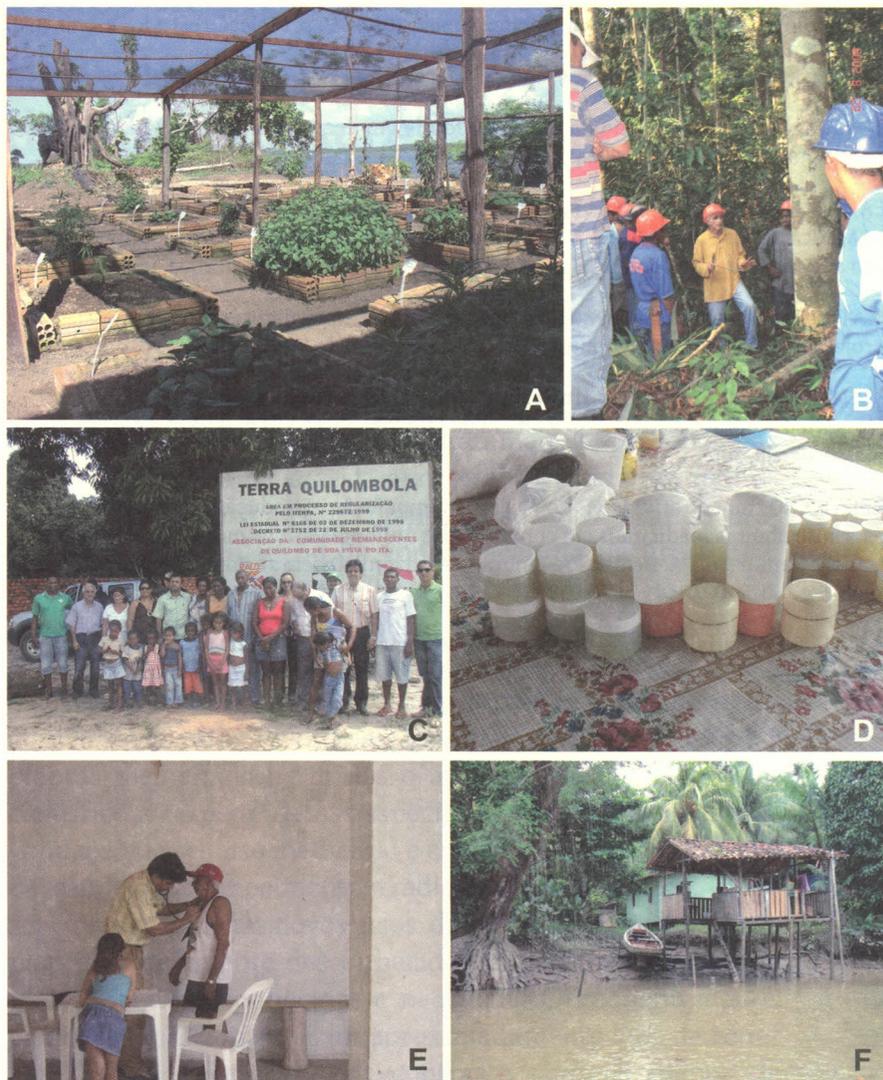


Figura 2. Fluxograma da cadeia produtiva de produtos à base de óleos de andiroba e copaíba, entre diferentes comunidades.

Na Figura 3, podem ser vistas atividades desenvolvidas com as comunidades quilombolas e ribeirinhas (horto medicinal, visita técnica ao horto medicinal e visita médica), além de fotos de membros das comunidades quilombolas, produtos obtidos das espécies medicinais e residência típica de ribeirinhos.

Considerações finais

O projeto tornou mais eficiente a organização das comunidades quilombolas e ribeirinhas, pela necessidade de criação de organizações. Realizou-se contrato de parceria entre as comunidades quilombolas e de periferia urbana, vinculadas ao Coep, para que pudessem comercializar os produtos. Além disso, houve participação e formação de equipes durante as fases de treinamento, o que contribuiu para a formação de novos multiplicadores de conhecimento e informação. Para continuidade do trabalho com os quilombolas, é necessário que as instituições que os representam se façam mais presentes. As comunidades ribeirinhas envolvidas no processo recebem todo o suporte de ONGs e associações em todo o processo de cultivo, manipulação e comercialização. Em âmbito regional e nacional, o projeto recebeu os seguintes prêmios: Top Social 2005, promovido pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVMB); o prêmio Tecnologia Social do Banco do Brasil, em 2008; e o Prêmio Finep de Inovação Tecnológica 2008 – Região Norte (2º lugar em Tecnologia Social).



Fotos: Osmar Lameira

Figura 3. Horto medicinal (A), visita técnica ao horto medicinal (B), comunidade quilombola (C), produtos obtidos de espécies medicinais (D), visita médica (E) e residência típica de ribeirinhos (F).

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P. de; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nupea, 2010. 559 p. (Coleção estudos e avanços).
- BAILEY, K. **Methods of social research**. 4th ed. New York: The Free, 1994.
- BENSUSAN, N. **Conservação da biodiversidade em áreas protegidas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. 176 p.
- LAMEIRA, O. A.; PINTO, J. E. B. P. História e importância das plantas medicinais. In: LAMEIRA, O. A.; PINTO, J. E. B. P. (Ed.). **Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso à recomendação popular**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental. 2008. p. 19-26.
- MATOS, F. J. A. **Farmácias vivas: sistemas de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. Fortaleza: Ed. da EUFC, 1998. 220 p.
- MATOS, F. J. A. **O formulário fitoterápico do professor Dias da Rocha**. Mossoro: Escola Superior de Agricultura de Mossoro, 1987. 222 p. (ESAM. Coleção mossoroense, 365).
- RELATÓRIO final de atividades do projeto manipulação e produção de produtos a partir de plantas medicinais em comunidades quilombolas dos municípios de Santa Izabel e Santarém, PA. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental: Fundação Luiz Décourt, 2008. 5 p.
- RELATÓRIO de atividades do projeto transferência de tecnologia para cultivo, conservação, uso e manipulação de plantas medicinais por comunidades rural e ribeirinha de Cametá, PA. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental: Fundação Luiz Décourt, 2006. 8 p.